

**PARTE II**

**ÁGUA, HORTAS E IDENTIDADE**

*“A água na terra ou nas coisas é como o sangue no nosso corpo. A água é para beber, a água é para a comida, a água é para lavar, a água é para tudo, a água é o sangue da terra,...ele chovendo a terra dá tudo, a terra dá a fava, a terra dá a semente, a terra dá o fruto e não chovendo a terra não dá nada, porque a água é que é o sangue da terra,...a pessoa que não tem sangue morre e assim é a terra, não chove não há água, a terra morre, morre as árvores, morre tudo”.*

Silvina Farias, 73 anos, Charneca,  
Freguesia de Querença, 17 Novembro 2005

## CAPÍTULO 3

A ÁGUA NO CALENDÁRIO AGRÍCOLA DO BARROCAL

---

Nenhuma outra cultura permite perceber em tão grande extensão toda a amplitude das variações da água enquanto recurso como a cultura da fava. A fava tem não só uma posição central simbólica e economicamente na representação local da agricultura centrada no consumo doméstico, como também permite acompanhar o jogo de soluções que se aplicam tanto em excesso como em carência de água. O ciclo da fava, ou melhor, os ciclos da fava atravessam o ano agrícola desde as primeiras chuvas às secas mais severas passando pelo excesso de chuva e pela incerteza dos aguaceiros. Pelo seu valor alimentar e pela sua variedade de formas de conservação e consumo representa no Barrocal o que mais a norte e sobretudo no Alentejo representará o trigo. Claro que também aqui o cereal por ser panificável tem enorme importância, mas a fava parece mais estratégica, mais insubstituível à economia da casa e mais central à cultura da água. Vamos pois iniciar a exposição da etnografia com a descrição dos ciclos da fava no pressuposto de que neles ficam definidos os parâmetros mais largos onde toda a irrigação restante vai encontrar o seu lugar. A fava tanto aparece nas *Altas* como nas *Baixas*, no sequeiro como no regadio e tem no seu ciclo anual o papel de marcadora do início do calendário agrícola, é a primeira do ano, uma sementeira que aguarda as primeiras chuvas de Outono para se fazer. Mais, a sementeira da fava faz-se em plena coincidência com o primeiro momento dos ciclos das festas de Inverno, o subciclo *Todos os Santos/Finados/São Martinho e 8 de Dezembro*. Esta sementeira permite-nos pois por um lado compreender a importante articulação que aqui se estabelece entre as sementeiras de sequeiro e as sementeiras de regadio, entre *terras altas* e *terras baixas*; por outro, o ciclo da fava revela-se um bom indicador de como fazendo face às incertezas climáticas, se gerem os perigos/riscos derivados da escassez ou da abundância de água da chuva para rega.

Num segundo momento são descritas as principais características da horta tradicional na sociedade rural em questão, focando alguns aspectos da ciência hortícola popular. Trata-se sobretudo de explorar um conjunto de saberes essenciais ao estudo do uso agrícola da água nesta área de Barrocal, antes de passarmos à análise da gestão social da água de rega num regadio colectivo.

### 3.1. A Água e o Ciclo do Sequeiro – A Fava

Na faixa de Barrocal incluída nas freguesias de Querença, Tôr e Salir do concelho de Loulé, são duas as épocas de sementeira da fava identificadas pelas populações durante o ano agrícola: a primeira pelas *Três Missas* (dia dos Finados) no dia 2 de Novembro<sup>1</sup> e a segunda sementeira, considerada a *boa sementeira*, no dia 8 de Dezembro (dia da *Nossa Senhora da Conceição*) altura da antiga *Feira da Barreira*<sup>2</sup> em Loulé. Trata-se de um conjunto de dias que perfaz o total de cerca de dois meses e duas semanas, desde o início de Novembro até à primeira quinzena de Janeiro.

Ao mencionarem a palavra *barrocal*, as gentes destas freguesias estão a referir-se a uma terra ruiva e quente, de profundidade variável mas geralmente *magra*, onde há muita pedra e ausência de água, e que para produzir é preciso que chova. Onde, os cultivos adequados são os de sequeiro – o *trigo* e a *cevada*, as *batatas* e os *alhos*, as *favas* e o *grão-de-bico*<sup>3</sup> – cuja semente é deitada à terra sobretudo nos meses de Novembro e Dezembro de cada ano, na época das chuvas em finais de Outono e no Inverno.

Na Primavera e no Verão quando as chuvas rareiam, as sementeiras concentram-se nas *hortas*, além dos terrenos serem aqui mais frescos e suportarem melhor a seca, é possível dispor de água de rega proveniente de poços, noras<sup>4</sup>, e mais raramente de minas e açudes. Localizadas no Barrocal, estas zonas não são consideradas pelas populações como tal, são as terras *baixas* no fundo dos vales, os chamados *terrenos de varja*. A sementeira da fava realiza-se em ambas as zonas, *barrocal* e *horta*<sup>5</sup>, embora com algumas variantes.

---

<sup>1</sup> No Almarginho de Salir em 06 Fevereiro 2007, um idoso referia: “*O antigo dizia: ‘pelo São Martinho, já se pode semear fava e linho’*”.

<sup>2</sup> Há memória desta feira ter terminado pouco tempo após o 25 de Abril de 1974. Nela vendia-se e comprava-se gado, sobretudo o porco. Muitas vezes acontecia as famílias engordarem 2 porcos sendo que um deles era para vender nesta feira.

<sup>3</sup> O grão-de-bico é o único cultivo de sequeiro semeado no mês de Março, como referiu um informante de 82 anos residente no sítio da Mesquita, freguesia de Tôr, “*o grão não gosta de ver o sol de Março*”.

<sup>4</sup> Noras adaptadas a motores de tirar água a petróleo ou eléctricos.

<sup>5</sup> Também nas terras *altas*, junto às casas existem hortas, mas estas têm uma origem mais recente, e só foram possíveis graças à abertura de furos na década de 80 do século XX, com o dinheiro proveniente da emigração trazido sobretudo de países como a França, Alemanha e Estados Unidos da América. As *hortas* a que nos referimos neste capítulo são as hortas mais antigas localizadas nas Várzeas, em regime de policultura. Geralmente quando falam de *hortas* as gentes do Barrocal estão a referir-se às *hortas* localizadas nas várzeas. Também nas várzeas se regam actualmente monoculturas com água proveniente de furos, das quais não iremos falar.

### 3.1.1. Favas de *barrocal*

No *barrocal* as sementeiras ocorrem mais cedo, isto é são mais temporãs, a partir do dia 2 de Novembro e não vão mais além da primeira quinzena de Dezembro. As *primeiras águas*<sup>6</sup> vêm amolecer a terra ressequida pelo sol, e com elas despontam à superfície as ervas, assim como as sementes de fava que ficaram esquecidas aquando da última *ceifa* e *rabisco*. Nesta altura desponta também no espírito das gentes do Barrocal a vontade de semear nas terras de sequeiro: “Quando começa a chover a gente lembra-se logo de semear favas. (...) A terra convida à sementeira, a terra já está branda, húmida, boa para semear”<sup>7</sup>. Há no entanto que esperar pelo início de Novembro, quando o calor desvanece e começa a época das chuvas, para se abrirem os *regos* ou os *covate(o)s* e lançarem à terra as primeiras sementes<sup>8</sup>. A primeira sementeira, pelas Três Missas (dia dos Finados) no dia 2 de Novembro, é uma sementeira pequena, uma espécie de *experiência*<sup>9</sup> que se faz na esperança de se comerem favas mais cedo<sup>10</sup>, e só se realiza no *barrocal*. A segunda, a mais comum, considerada a *boa sementeira*, decorre todavia nas primeiras semanas de Dezembro<sup>11</sup>. Segundo justificam os agricultores<sup>12</sup>, a sementeira do início de Novembro é uma *sementeira mais incerta*, ficando mais sujeita aos malefícios da chuva sobre a flor aquando da sua floração que ocorre em fins de Dezembro e Janeiro, coincidindo com o rigor do Inverno. Semeadas no mês seguinte, em Dezembro, as favas irão florir mais tarde, existindo menos probabilidades de apanharem mau

<sup>6</sup> Na área seleccionada para este estudo, diversos são os termos que as pessoas utilizam quando se referem aos tipos de chuva que ao longo do ano agrícola se vão sucedendo, uns beneficiando a agricultura, outros não. Para mais pormenores sobre este assunto veja-se Quando 1, Anexo A.

<sup>7</sup> Informante de 62 anos, residente no sítio da Mesquita, freguesia de Tôr.

<sup>8</sup> Os *regos* abrem-se com o tractor ou com a enxada, os *covate(o)s* apenas à enxada. Cada *covate* deve levar 4 sementes de fava, e 6 no caso dos *greséus*. A preparação da terra antes da sementeira não é muito exigente no *barrocal*, normalmente não é necessária a lavra, bastando proceder à *escarificação* da terra com o tractor com o objectivo principal de cultivar as árvores do pomar de sequeiro existentes no terreno. A lavra efectua-se em situações em que o terreno muito ressequido pelo sol não absorve a água de uma chuvada recente. Ao contrário, na *horta* é usual lavrar-se a terra antes da sementeira da fava, ficando a terra já preparada para as sementeiras seguinte.

<sup>9</sup> Em outros contextos, esta expressão pode significar por exemplo que o agricultor vai experimentar outra maneira de semear, na expectativa de melhorar o rendimento com menos trabalho, podendo tratar-se de práticas modernas ou antigas.

<sup>10</sup> No tempo da fome, qualquer pessoa com muitas terras cedia para semear favas a quem não tinha, pelo benefício que essas sementeiras representavam para as árvores, bem como os dias de trabalho gratuito que lhes seria dado em troca, consoante os casos. No *barrocal* em terrenos de sequeiro esta era uma prática comum, daí considerar-se que “A sementeira do pobre era a fava”. Na memória dos mais idosos esta era uma sementeira que se fazia para as favas virem mais cedo, para “*acudire ao cavalo*”, isto é para matarem a fome que se fazia sentir em muitas casas, sobretudo nos meses (Março e Abril) altura em que nas hortas não havia ainda o que comer. Actualmente, embora a realidade seja bem diferente, há quem continue a semear nesta altura.

<sup>11</sup> Algumas pessoas especificam a semana antes e a semana após o dia 8 de Dezembro como a melhor época de sementeira da fava.

<sup>12</sup> Pessoas de 50 anos ou mais, sobretudo homens, reformados.

tempo sobre a flor<sup>13</sup>. Depois das favas *vingadas*<sup>14</sup>, as chuvas de Março e Abril<sup>15</sup> vêm apenas beneficiar a fava tornando-a mais grada. Mas de modo algum se pode estender esta sementeira para além da primeira quinzena de Dezembro porque aqui, ao contrário da *horta*, os cultivos de sequeiro dependem totalmente da *rega da chuva*, ou seja, se semear muito tarde, o agricultor arrisca-se a não chover o suficiente para regar as favas.

Uma vez concluída a sementeira, os habitantes do Barrocal pouco mais podem fazer que esperar que o tempo seja favorável, que venha uma *água bem chovida*, isto é, que chova regularmente (o ideal seria de 15 em 15 dias) mas com intensidade moderada para que a água fique bem entranhada na terra sem a rasgar, e com momentos de sol entre os períodos de chuva, pois *no barrocal a fava quer uma de água e outra de sol*, assim dizem as pessoas.

Contudo, as chuvas necessárias à rega não são regulares chegando a ficar um mês seguido sem chover, assim como o tipo de chuva<sup>16</sup> que lhes convém também não; por isso as sementeiras do *barrocal* tornam-se muito incertas, havendo anos em que as *favas já vingadas* se secam com a falta de chuva, ou a flor cai com fortes *chuvadas* e *águas de pedra*, ou ainda queimam com a geada, sem que as favas vinguem<sup>17</sup>. Eis algumas frases que expressam esta incerteza por parte das pessoas: “...**pode ser que** isto p’ra aí chova..., **se não chover isto vai tudo ao ar**”, “**Se não vier geada são boas, se vier pode queima-las...**”, “**Parecia que ia chover uma barrigada de água, choveu uma chuvinha e agora está tudo estio! Se não chover não sei como será, seca-se tudo!**”.

Uma incerteza a que estas pessoas parecem já estar habituadas, explicando com naturalidade que são *os anos é que mandam*. Chuvas atrasadas, calores fora de época, chuva torrencial ou água de pedra, provocam avanços e recuos no ciclo vegetativo das sementeiras, interferindo na sua produtividade. Há anos em que a sementeira considerada mais incerta produz mais do que o esperado, e a boa sementeira menos do que seria desejado.

---

<sup>13</sup> Contudo, como *a flor da fava começa a desabrochar de baixo* e não nasce toda ao mesmo tempo, se a chuva não for demasiado forte apenas algumas flores caem, fazendo unicamente com que o pé da fava produza menos.

<sup>14</sup> Fava vingada significa que a *péseira* da fava já tem pequenas vagens de um centímetro ou pouco mais.

<sup>15</sup> Em terrenos de *barrocal* onde a rega da chuva era (e continua a ser) essencial para os cultivos de sequeiro, como é o caso das favas, antigamente se pelo mês de Abril não chovesse para *engradecer* as favas, mulheres e homens, sobretudo as mulheres, caminhavam em procissão, cantando o *Bendito Louvado* ou rezando o *Terço “pedindo água de misericórdia”* até avistarem uma igreja, normalmente a mais próxima (chegavam a ir até à Cruz da Assomada para avistar a Nossa Senhora da Piedade). A memória desta prática está ainda bem viva entre as pessoas de 50 anos ou mais, embora hoje só se pratique em anos excepcionais. Na Funcheira próximo do Almarginho de Salir, no ano de 2005, temos conhecimento de que foi realizada uma procissão com o objectivo de fazer chover, nesse ano faltou também água nas hortas.

<sup>16</sup> Para mais pormenores veja-se o Quadro 1, Anexo A.

<sup>17</sup> A espessura e a localização de um terreno têm também grande influência sobre a sua produtividade. Há zonas mais secas que outras, onde a fava aguenta menos a seca, assim como existem zonas mais expostas às geadas e aos ventos. Quanto menos profundo for o terreno mais difícil se torna os cultivos resistirem à seca, neste caso a fava.

Na tentativa de orientarem eficazmente as suas sementeiras, os *antigos olhavam aos tempos*, conheciam inúmeras formas de previsão do estado do tempo<sup>18</sup> baseadas na observação minuciosa de alguns fenómenos da natureza, que alguns idosos ainda hoje recordam, e de que são exemplo as *Experiências das Sementeiras*<sup>19</sup>. Muitas dessas formas de previsão foram caindo em desuso, existindo apenas na memória dos mais velhos que se orientam por elas embora sejam da opinião de que são menos eficazes nos tempos de hoje, que caracterizam como *variados/baralhados* no sentido de mais incertos meteorologicamente<sup>20</sup>.

### 3.1.2. Favas de horta<sup>21</sup>

Nas *hortas* que se localizam nas terras *baixas* os cultivos da fava são mais tardios (serôdios) para evitar as geadas, semeia-se e acolhe-se mais tarde, e ceifa-se também mais tarde. Findado o Verão, a fava é a primeira sementeira da *horta*, encontrando aí apenas as couves que foram semeadas em Julho ou Agosto e que se comem no Natal ou pelas matações de porco comuns nessa época do ano. A sementeira decorre a partir da primeira semana de Dezembro, marcada pelo dia da Nossa Senhora da Conceição que se comemora no dia 8 de Dezembro, e estende-se até à primeira quinzena do mês de Janeiro. Coincidindo o limite temporal mínimo de sementeira na horta com o limite máximo indicado para as sementeiras em terras de *barrocal*. Pois nas *hortas* a sementeira da fava fica menos dependente das oscilações climatéricas, caso não chova as favas podem ser regadas. Deste modo, sem ocupar a área da horta na sua totalidade, deixando-se espaço para os cultivos de Março, esta sementeira actualmente é tão ou mais comum que as efectuadas no *barrocal*<sup>22</sup>.

Embora se mantenham frescas por mais tempo semeadas na horta, as favas não deixam de ser de sequeiro, só se regam em ultimo caso, se teimar em não chover, e mesmo assim uma

---

<sup>18</sup> Ver Quadro 2, Anexo A.

<sup>19</sup> Segundo uma idosa de 94 anos, residente no Pombal, freguesia de Querença, a sementeira da fava é marcada pela vagem do loendreiro. Quando em Julho estão os loendreiros floridos, se da primeira flor *vingarem* vagens é sinal de que a próxima sementeira da fava será temporã, se pelo contrário, *vingarem* das flores mais tardias é indicativo de que se pode semear até Janeiro que o ano é de fava.

<sup>20</sup> A este propósito uma informante comentava que “*o homem é que deu cabo das experiências*”.

<sup>21</sup> É de referir que em hortas junto de ribeiras, consoante o caudal dessas mesmas ribeiras assim varia ligeiramente a época das sementeiras. Por exemplo, na freguesia de Querença, nas hortas do Vale das Mercês as sementeiras de regadio faziam-se um mês mais cedo que nas hortas da Benémola por causa da maior irregularidade das águas da Ribeira das Mercês. Enquanto na Benémola semeavam couves em Agosto (aqui havia sempre água), nas Mercês tinham que as semear em Julho para terem água com que regar.

<sup>22</sup> Este facto leva-nos a levantar algumas questões: *i)* Será que actualmente chove menos, tornando ainda mais incertas as sementeiras no *barrocal*, fazendo com que se prefira semear na horta? *ii)* Ou será que se tentam manter ocupadas as hortas com cultivos pouco trabalhosos, com o intuito de não permanecerem em estado de abandono?

rega no máximo (e depois de terem vagens). É que as favas regadas são menos saborosas e mais difíceis de cozinhar. Neste sentido, tal como no *barrocal*, a fava semeia-se ao *rêgo* ou ao *covate(o)* e nunca à *leira* como acontece com outras culturas regadas na horta. Poupano-se assim trabalho caso se revele desnecessária a rega. Se for necessário rega-las, na altura própria ajeita-se a terra de modo a abrir caminho para a água passar, mas sem excessos para evitar que as favas fiquem alagadas propiciando o aparecimento do *formigo*. Outras pessoas dispensam quaisquer pormenores regando à *manadia*, isto é de qualquer maneira.

No entanto, em anos de grande seca, como o de 2005, a falta de água também se faz sentir nas hortas, e regar torna-se um problema, sendo necessário repartir a água pelos diferentes cultivos, normalmente com as batatas.

A sementeira da fava é acompanhada pela do *greséu* tanto na *horta* como nas *terras de sequeiro*, a partir do dia 8 de Dezembro. Tratando-se também de uma leguminosa, difere da fava em diversos aspectos: *a)* os *greséus* são menos resistentes ao calor e à geadas, no sequeiro semeiam-se preferencialmente em *terra branca (caliço)* por se tratar de uma terra mais fresca; no entanto, actualmente, é mais comum semeá-los nas *hortas* onde podem ser regados caso seja necessário (também em último caso), mas não mais de uma vez para evitar que criem *cinza*; *b)* as favas semeiam-se cerca de uma semana antes, pois demoram mais tempo a nascer porque são semeadas a uma maior profundidade; *c)* assim semeados em *rego* ou ao *covate* pouco profundos<sup>23</sup>, os *greséus* ficam mais sujeitos a predadores como os pássaros sendo necessário protegê-los com espantalhos e outros artifícios, algumas pessoas pulverizam-nos com enxofre; *d)* ao contrário da fava, a sementeira do *greséu* esteve sempre mais destinada ao consumo humano, nunca ultrapassando em extensão os favais, sobretudo no *barrocal* (comiam-se com ovos no dia de Páscoa por serem considerados novidade - prato preferido<sup>24</sup> ao *jantar de favas*).

Para apreciar o estado de desenvolvimento das favas e dos *greséus*, e ver se as sementeiras estão bem nascidas<sup>25</sup> fazem-se visitas frequentes aos campos semeados, *barrocal* e *hortas*, executando-se por vezes alguma manutenção. Acolhendo-se algumas ervas daninhas, *balancos* e *boas noites* no *barrocal* e *serralhas*, *papoilas* e *saramagos* na *horta*,

---

<sup>23</sup> Que algumas pessoas justificam com o seguinte ditado: “O *greséu* gosta de ver o dono abalar para casa”.

<sup>24</sup> O ditado “Vai à fava até que o *greséu* encha” pode significar essa preferência, isto é, quando houvesse *greséus* para comer, as favas ficavam relegadas para segundo plano (numa época em que os ovos serviam de moeda de troca para adquirir a roupa que se vendia às portas).

<sup>25</sup> Muitas vezes utilizam-se as sementeiras do vizinho como elemento comparativo.



sendo mais comuns os cuidados na *horta*. Cavar<sup>26</sup> e regar são no entanto tarefas<sup>27</sup> irregulares, de cuja necessidade, os semeadores (marido e esposa, vizinhos), nem sempre concordam gerando por vezes ambiguidades. Algumas pessoas são da opinião de que as favas cavadas produzem mais, já os *greséus* não se querem muito mexidos; outras referem que só os *greséus* se cavam. Há também quem refira que antigamente só não se cavavam as favas no intuito de aumentar assim o feno para dar às bestas, ceifando-se a erva ao mesmo tempo que as *canoiras*. Quanto à rega, alguns semeadores consideram que “*a fava não é para regar, a fava dá o que der*” mas se o calor aperta vão rega-las, etc.

Em Abril, Maio, quando se vão apanhar favas e *greséus* verdes à *horta*, aproveita-se também para regar as batatas e outros cultivos, se os há. Em Junho, praticamente até ao final do mês, com uma *foice* ou uma *gadanha* ceifam-se as *canoiras* conjuntamente às favas secas que ali mesmo no terreno<sup>28</sup> se separam para uma alfofa; *acolhe-se* também a *palha dos greséus* com as respectivas vagens secas que se levam para descascar em casa. Seguindo-se, ocasionalmente, em ambos os casos o *rabisco*<sup>29</sup>. Para semear no ano seguinte, deixam-se habitualmente as sementes mais gradas que são as que provêm da sementeira efectuada na *horta*. O *feno* que resulta da apanha da fava e do *greséu*, quando não se possuem animais, é oferecida a um compadre ou vizinho que o dá de comer a cabras e ovelhas e mais raramente ao burro (o que é muito raro). Além deste animais os coelhos também apreciam o *feno* dos *greséus*. No restolho da fava e do *greséu* ainda se pode semear na *horta* batata-doce (Maio e Junho) ou milho (Abril, Maio e Junho).

Tal como em Outubro também em Agosto<sup>30</sup> se chover nascem favas *fora do tempo* (fora de época) a partir das sementes que sempre ficam esquecidas desde a última apanha. Quer num caso como noutro, com fraca probabilidade da planta vir a produzir, no primeiro caso em anos excepcionais *se o tempo for favorável*, no segundo, apenas se as favas forem regadas.

---

<sup>26</sup> Para cavar (sachar) favas ou *greséus* é necessário que a terra não esteja muito branda de chuva recente ou da *orvalhada* da noite; sendo a tarde a melhor altura por causa do *enxugo da terra*. Esta tarefa consiste em amontoar terra para cima do caule e acolher as ervas.

<sup>27</sup> Outra tarefa poderia ser *desbicar* favas, prática hoje desaparecida, ou quase. Segundo os informantes “*fava desbicada, fava vingada*” e “*fava desbicada, fava dobrada*”, que significa cortar com a mão a ponta da faveira, para o miolo da fava ficar mais grado, e para se aprontarem mais rapidamente. Quem tinha animais dava-lhes os bicos, quem não tinham deitava-os fora na mesma altura em que as *desbicavam*.

<sup>28</sup> Antigamente, para desimpedir mais rapidamente as hortas, as favas ceifavam-se assim que o *olho da fava* ficava escuro e levavam-se para debaixo de uma alfarrobeira para terminarem de secar, altura em que ainda *engradeciam* (tornar-se grado).

<sup>29</sup> *Rabiscar* significa procurar aqui e ali as favas que ficaram esquecidas no restolho. Depois dos proprietários efectuarem o seu rabisco outras pessoas também podem fazê-lo.

<sup>30</sup> Nas hortas da ribeira da Fonte da Benémola, freguesia de Querença, antigamente, algumas pessoas semeavam favas dentro do milho quando semeavam as couves, para comer no Natal.

Assim, o ciclo da fava<sup>31</sup>, – desde a sua sementeira, passando pela gestação, apanha(s) e descasca(s), secagem e armazenamento –, atravessa boa parte do ano agrícola no Barrocal observado, indo de Novembro a Junho do ano seguinte. A fava predomina na paisagem nos meses de Janeiro, Fevereiro, e Março, cedendo em Abril o predomínio à batata. Ao longo de 8 meses vão-se sucedendo também, o varejo e a apanha da azeitona de Novembro a Janeiro, a colheita das batatas de sequeiro (as chamadas *batatinhas novas*) em Dezembro e Janeiro, a floração das amendoeiras em Fevereiro, a sementeira de batatas na horta entre Fevereiro e Março, e do feijão de vagem e de bago em Abril, as nêspas completam o seu ciclo de maturação em Junho, etc.

Nos anos 60 do século XX, ainda havia quem semeasse 30 *alqueires* de fava e deixasse para semear no ano seguinte 120; levasse dois arados a lavrar e duas mulheres a semear, e quando chegasse a altura da apanha das favas secas e da ceifa das *canoiras* contratasse quatro mulheres durante 15 dias para executarem o serviço. Semeavam-se grandes lavras de fava sobretudo para alimentar os animais de trabalho<sup>32</sup>, burros e mulas. Decorridos quase 50 anos, desde que venderam as bestas e as respectivas carroças (quem as tinha), as mesmas pessoas, hoje já idosas, referem não semear mais de 5 litros de fava e deixar para semente 3. Actualmente as sementeiras destinam-se basicamente ao consumo humano que também diminuiu.

Porém, apesar da diminuição da importância da sementeira da fava para a subsistência das gentes do Barrocal nos dias de hoje, e da indiferença que muitos demonstram por ela quando dizem “*se der deu, se não der não deu*”; todos os anos, no Barrocal, campos de favas, uns maiores, outros mais pequenos, não deixam de marcar presença, imprimindo na paisagem o ar da sua graça. Mesmo sabendo da incerteza que caracteriza esta sementeira, e tendo outros recursos não dependendo dela para sobreviver, o agricultor/a continua a lançar a semente à terra quando chega a época; pelo significado que ainda representa para si. Um significado traduzido na preocupação com o que os outros (vizinhos e parentes) pensam, atribuindo indolência a quem tem terras e *nem uma favinha semeia*<sup>33</sup>! No gosto e no hábito de semear e de comer favas.

---

<sup>31</sup> Ver Figura 1, Anexo A. A simbologia utilizada para caracterizar meteorologicamente cada mês baseia-se nas recolhas efectuadas.

<sup>32</sup> Transporte de pessoas e cargas, tirar água à nora, lavras, etc.

<sup>33</sup> A sementeira da fava é considerada a sementeira mais fácil de executar e a que requer menos cuidados durante o seu ciclo vegetativo. O que torna possível algumas pessoas que têm residência no Barreiro (Setúbal) manterem uma sementeira no Arneiro da Rocha (freguesia de Salir) na casa que hoje é de férias, herdada dos pais.

### 3.1.3. A fava na alimentação

Durante a temporada da fava, que tem início a partir da segunda semana de Março, *se o tempo for favorável*, quase diariamente, as mulheres (sobretudo as que não trabalham para fora) rumam até ao faval com uma alcofa ou um balde na mão que tentam encher de favas à medida das necessidades do dia, tendo em conta o número de *pessoas da casa* que aprecia esta leguminosa como alimento. Por entre o faval vão-se escolhendo apenas as vagens mais cheias, deixando as restantes completarem o seu ciclo de maturação. Como a flor da fava vai *vingando* a partir do seu caule até ao bico, são as favas que se encontram junto ao caule as que *se aprontam* primeiro. Assim a *apanha/colheita* da fava não é feita numa única ocasião como no caso das batatas por exemplo. E na *péseira* as favas mantêm-se frescas e tenras por mais tempo, resultando numa vantagem. Em caso de chuva recente, nessas idas constantes ao faval, aproveita-se também para apanhar caracóis para o petisco do dia 1 de Maio.

Geralmente, as mulheres preparam as favas para comer ao almoço pois consideram-nas uma *comida pesada* para a noite; ao contrário de outrora, em que as favas se cozinhavam a fogo de lenha, e o processo de cozedura era bem mais lento, comiam-se favas duas vezes ao dia, preparadas de uma só vez para o *jantar* (almoço) e para a *ceia* (jantar). As cascas das vagens não se deitam para o lixo, cozem-se e dão-se de comer aos porcos. Assim como no caso do *feno*, quando não se engordam porcos, também se oferecem as cascas a um compadre ou a um vizinho que os possua. Há ainda quem acrescente as cascas ao estrume<sup>34</sup> que mais tarde irá para a horta.

Dependendo da altura da apanha da fava, assim se vão introduzindo algumas variantes no modo como são confeccionadas. Quando as favas são ainda poucas e estão muito tenras e miúdas junta-se-lhes duas ou três casacas verdes<sup>35</sup> sem *bicos* e *ripas* para engrossar o molho ao *jantar* e apurar o sabor (um raminho de folhas da faveira também dá gosto à *fava nova* – menos usual); cozem-se de água e sal e depois são temperadas com a gordura da fritura do toucinho e da chouriça do porco, juntando-se no fim hortelã, uma folha de alho e um molhinho de coentros que se trazem da horta. Estas primeiras favas ainda miúdas fazem-se também refogadas com arroz ou *batatinhas* de sequeiro para aumentar a refeição.

<sup>34</sup> Este estrume é composto por diversas matérias em decomposição: folhas de alfarrobeira e alfarrobas podres, cascas de amêndoa, cinza, etc.

<sup>35</sup> Uma idosa de 91 anos, residente na Mesquita, freguesia de Tôr, recorda assim os tempos de solteira vividos na Nave do Barão (freguesia de Salir): “*a minha mãe só ripava as favas, sabia bem. Era também para acrescentar as favas*”. *Ripar* as favas significa cortar apenas as pontas da vagem e aproveitar o restante, ou seja, quando as favas estavam ainda muito tenras e miúdas comiam-se envoltas na casca.

Cozidas de água e sal, temperadas depois com a gordura do porco, é talvez a maneira mais usual de cozinhar as favas; o sabor da fava fica mais intenso, confeccionando-se desta maneira durante toda a época. Quando as favas vão ficando duras come-se o miolo enquanto a *pele* (a cutícula da fava) dá-se de comer às galinhas. No fim da temporada, quando as favas ainda verdes já estão muito duras e com *o olho preto*, fazem-se ainda *favas de panela* e *sopa*.

Na opinião de quem cultiva, o sabor da fava a cozinhar é um aspecto importante a considerar desde o início da sementeira. Este sofre a influência do tipo de terreno onde a fava é semeada, do tipo de rega que recebe e do tipo de semente utilizada. Quanto mais escura for a terra melhor, prevalecendo o *barrocal* sobre a *terra branca*<sup>36</sup>, a melhor rega é a da chuva, e a semente a Algarvia<sup>37</sup>, mais conhecida por fava de 3 miolos. Há também quem acredite que as favas apanhadas pela lua nova se cosem melhor.

Segundo as *donas de casa*, as favas espanholas *amarujam* (azedam) com maior facilidade, as Algarvias são mais doces. Em geral, quando semeadas em *terra branca* são mais difíceis de cozinhar e *amarujam* mais facilmente. São no entanto utilizados alguns truques para atenuar esses efeitos: cozinhar com a água da cisterna (por ser água da chuva) facilita a cozedura das favas, se *amarujam* junta-se-lhes açúcar.

Quando as favas não estão nem muito tenras nem muito duras, algumas congelam-se verdes depois de escaldadas, entre 5 a 10 doses para não ocuparem todo o espaço da arca frigorífica que deve ser utilizado para armazenar o pão que ainda se fabrica, as galinhas, patos e coelhos que se criam e outras carnes que se compram no talho, além de outros produtos agrícolas que também se cultivam, como *greséus*, tomates, feijão verde, abóbora, pimentos, etc.

Depois de consideradas duras para cozinhar as favas ficam nas *canoiras* até secarem completamente, por vezes ainda se estendem ao sol no quintal para ficarem mais secas. Para torrar no forno escolhem-se as favas mais miúdas antes delas criarem *carneiros* (bicharem), deixando-se as mais gradas como semente para o ano seguinte.

Antes da banalização das arcas frigoríficas na década de 80 do século XX, só se comiam favas verdes pela *temporada*, Março, Abril, Maio e Junho, sobretudo em Abril e Maio. No mês de Março, quando se acabava o grão e o feijão comiam-se *favas secas de panela* e as favas mais temporãs da primeira sementeira do início de Novembro. Actualmente, os *jantares de favas verdes* também se confeccionam na altura das sementeiras (Novembro,

---

<sup>36</sup> Também localizadas no Barrocal, a *terra branca* ou *caliço* é mais fresca e menos compacta que o *barrocal*.

<sup>37</sup> A diferenciação entre as diversas qualidades de fava é feita normalmente pelo número de miolos que a vagem possui. A fava de cinco miolos e de sete são estrangeiras, a de três miolos Portuguesa. A fava espanhola é mais serôdia, e geralmente semeia-se nas hortas porque “*gosta mais de água*”, assim justificam os agricultores.

Dezembro e Janeiro) e em Fevereiro enquanto se espera pelas favas mais temporãs de Março. No Inverno, com o frio, as favas aconchegam o estômago e no Verão não apetece come-las, assim, aproveitam-se aqueles meses para se esvaziarem as reservas guardadas no congelador, e arranjar-se espaço para guardar as favas da *nova temporada* que se avizinha.

### **Reflexão Final 1**

Perante as oscilações climatéricas que ocorrem com frequência nesta zona do Barrocal provocando avanços e recuos nas sementeiras, são diversas as estratégias utilizadas pelos agricultores para gerirem os perigos/riscos que daí advém.

Na tentativa de lhes fazer face são efectuadas diversas sementeiras em espaços de tempo e lugares diferentes, dando origem a colheitas mais temporãs e a outras mais serôdias, tornando assim possível garantir por mais tempo o legume que ainda hoje ocupa na alimentação das gentes do Barrocal, nos meses de Março, Abril e Maio, um dos lugares mais importante. O agricultor joga assim com o que natureza deixa ao seu dispor: os diversos tipos de solo, as variações do relevo, a água disponível no subsolo, as características de cada estação do ano, o comportamento premonitório de alguns animais e plantas perante mudanças climatéricas... Dos quais possui um conhecimento profundo, mas tácito, que é estimulado quando se torna necessário o seu uso. São importantes pontos de referência desse conhecimento algumas feiras e festas do calendário anual, assim como determinados fenómenos constantes da natureza.

### 3.2. A Água e as Culturas de Regadio – A Horta

As hortas de cariz familiar cultivadas em regime de policultura intensiva localizam-se hoje preferencialmente junto às casas onde estão em vantagem relativamente aos jardins. Além destas hortas, normalmente protegidas com muros de protecção, continua-se a semear nas várzeas (terras baixas) a poucos quilómetros de distância das principais povoações, às quais os agricultores acedem por via dos caminhos públicos e veredas comuns que dão acesso a conjuntos de hortas. Nestas zonas, regadas sobretudo com águas privadas tiradas a motor de poços e noras<sup>38</sup>, vão subsistindo algumas hortas num ou noutra regadio colectivo situado junto de um ou outro curso de água, onde outrora se localizavam as melhores terras de horta.

Os avanços tecnológicos ao longo do século XX no domínio das captações de água subterrânea a profundidades consideráveis, aliados à disponibilidade de recursos financeiros decorrentes da emigração, permitiram por um lado o desenvolvimento do regadio (também) nas *terras altas*, por outro, a aproximação das hortas à casa com a vantagem de uma melhor conciliação com o exercício de um trabalho remunerado (Cavaco, 1960 e 1976; Prista, 1993). A emigração possibilitou ainda novos acessos à terra (Jenkins, 1979; Prista, 1993), generalizando-se a posse individual da horta. Ao contrário de outros tempos, actualmente só em situações muito pontuais se arrendam hortas. Comum é alguns proprietários de terras nas antigas zonas de horta, para as manterem ocupadas *darem-nas para semear de graça*.

Assim, existem actualmente hortas nas *terras baixas* e nas *terras altas* do Barrocal, cujo tamanho varia consoante a disponibilidade de água. No entanto, segundo os testemunhos recolhidos, “*havendo água o barrocal paga melhor*”, ou seja, os terrenos mais férteis para hortar são os mais escuros do Barrocal; em contra partida, os terrenos de aluvião no fundo dos vales junto de ribeira, o chamado “*ariusco*”, trabalham-se mais facilmente com a enxada e retêm maior teor de humidade em caso de seca. Os pontos que se seguem referem-se às hortas em geral independentemente da sua localização.

#### 3.2.1. Sementeiras, regas e colheitas

Março é o mês do ano em que na horta se executam o maior número de sementeiras embora a época de alguns cultivos se inicie nos meses anteriores e outras se prolonguem para

---

<sup>38</sup> Em 2006, perto do sítio classificado da Rocha da Pena (freguesia de Salir), na zona de hortas do *Pomarinho* fomos ainda encontrar o Sr. Bentinho a tirar água de uma nora com o auxílio de um burro, tratando-se de caso único na região.

além dele. Semeia-se batata redonda, tomateiros, milho temporão, feijão de vagem, feijão de bago, pimentos,... Mas se este é o mês de maior azáfama no que se refere às sementeiras, é também o de menor produção e maior carestia em produtos hortícolas. Nesta altura, à superfície da terra encontramos apenas as favas e os *greséus* semeados pela *feira da Barreira* (dia 8 Dezembro), os alhos<sup>39</sup> que se semeiam a partir do final do ano e as cebolas a partir do início de Janeiro. O restante terreno encontra-se vazio à espera de ser semeado.

Em Abril<sup>40</sup> continuam-se as sementeiras do feijão de vagem, do feijão de bago, das cebolas, dos pimentos e pepinos, das *tomateiras* e do milho temporão. Da batata redonda diz-se que “*não deve ser semeada em Abril porque paga com a rama*”, isto é, a rama cresce muito e as batatas não se desenvolvem. Seguem-se então as sementeiras de batata-doce e *tomates de Inverno* em Maio com prolongamento daquelas no mês de Junho. As alfaces, salsa, hortelã e coentros que se semeiam durante praticamente todo o ano, no mês de Maio não se semeiam porque *espigam*, dizem os agricultores. Desde Junho até Setembro efectuam-se novas sementeiras de feijão de vagem e de bago. No mês de Agosto semeia-se a batata redonda serôdia e diversas variedades de couve, estas últimas desde o mês anterior<sup>41</sup>.

Durante o espaço de tempo indicado para cada sementeira e colheita, há alturas consideradas melhores que outras. À semelhança de outros trabalhos/serviços agrícolas, muitos são os agricultores que em cada mês se regem pela boa ou má influência das fases da lua<sup>42</sup>. No que se refere às batatas redondas, as luas mais indicadas para a sua sementeira são a *lua cheia* porque *enche o covate*, e o *quarto crescente* porque as faz crescer; em contra partida, evita-se o *quarto minguante* por fazer minguar as batatas. Na horta, o minguante é apenas indicado para a colheita de cebolas e alhos e para a cava destes últimos, impedindo que espiguem. Todavia, muitas pessoas referem não se orientarem pelas fases da lua, outras entram em contradição<sup>43</sup>, outras ainda têm preferência por determinada lua em detrimento de outras; possuindo os agricultores consciência dessas contradições.

<sup>39</sup> Para fazer face às oscilações climatéricas, alguns agricultores costumam deitar cinza nos alhos, uma prática que alguns fazem sem saber a sua utilidade, apenas pela *força do hábito*, alegando que “*se não fizer bem, mal também não faz*”; outros argumentam que a cinza protege os alhos da *orvalheira*, e do calor excessivo que lhes provoca a *ferrugem*.

<sup>40</sup> O mês de Abril é considerado por alguns como a *chave do ano*, determinante para encher nascentes de água: “*Abril, água mil*”. Se chover no início do Verão é mais provável que haja água de rega suficiente quando o calor apertar, justificam os agricultores.

<sup>41</sup> Para mais pormenores veja-se Figura 2, Anexo A. Claro que o período indicado para cada sementeira é variável na área em estudo consoante as características dos terrenos e sua localização um pouco à semelhança do que acontece na sementeira da fava amplamente discutida no capítulo anterior. No entanto, dispondo-se de água de rega muitas dessas variáveis são atenuadas.

<sup>42</sup> Por exemplo o enxerto de árvores e o corte de lenha.

<sup>43</sup> A lua nova é considerada fraca para uns, para outros mantém as batatas novas por mais tempo. Um informante testemunhou que não se deve acolher nada com a lua nova, no entanto acrescenta que “*há um ditado antigo, que*

Na área do Barrocal em estudo, as datas de Festas e Feiras que se constituem como pontos de referência para alguns cultivos, podem variar de Freguesia para Freguesia em função das vivências quotidianas (incluindo a mobilidade) dos seus habitantes ao longo dos tempos. Por exemplo: em Salir é a *Feira de Paderne*<sup>44</sup> (25 de Julho) que marca o início da sementeira da batata e do feijão serôdios; pelo contrário, em Querença é o termo desta sementeira que segue o calendário festivo, e este é marcado pela *Festa de Agosto* (dia 15).

A distribuição das sementeiras ao longo dos diversos meses do ano, aproveitando-se ao máximo o terreno da horta, em que uns cultivos vão sucedendo outros, assim como a presença de algumas árvores de fruto<sup>45</sup>, vai permitir a existência de produtos hortícolas e frutas mais temporãs (precoces) e outros serôdios (tardios), com vantagem para o agricultor que assim pode usufruir de alimentos frescos por um período de tempo largo. Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro são os meses mais produtivos do ano, e aqueles com que maior regularidade se vai à horta. Por um lado para *regar de rojo*<sup>46</sup> todos os cultivos que sem excepção não sobreviveriam à falta de água; por outro, apanhar os cultivos já maduros enquanto outros completam o seu ciclo de maturação.

Se interrogarmos um agricultor sobre quando começa a horta e quando termina, é comum este apontar de imediato o mês de Março como o seu início e o mês de Outubro como o seu termo. Depois de se deter mais demoradamente sobre a pergunta conclui que afinal “*se a gente for a contar bem a horta nunca termina*”, que “*as hortas estão sempre dando qualquer coisa*” ou ainda que “*na horta o trabalho nunca se acaba*”. É que para o agricultor do Barrocal, o que melhor define uma horta é a existência de água de rega em abundância<sup>47</sup>, ou melhor, dispor de água é a condição primeira para a existência de uma horta, sem a qual os cultivos de Primavera e Verão estariam inevitavelmente condenados. A este propósito um informante referia que “*toda a terra dá horta desde que haja água*”. Daí que a fava não seja normalmente reconhecida como a primeira sementeira da horta, como de facto o é, pois trata-

---

*a gente não o compreende que diz que os alhos são bons semeados com a lua nova e acolhidos com a lua nova, ainda não fiz essa experiência, não sei*”.

<sup>44</sup> Onde antigamente se ia comprar bezerros e bestas.

<sup>45</sup> Vão estando disponíveis na hortas ao longo do ano as seguintes frutas: Romãs e Diospiros em Outubro; o Limoeiro (todo o ano), laranjeira temporã (de Dezembro a Março), as laranjas de Bom João (serôdias – de Março a Junho)...; no entanto, segundo alguns informantes, o número de árvores existente na horta deve ser mínima para não criar sombra sobre os cultivos e assim os prejudicar, além de no Verão as suas raízes concorrerem com as sementeiras da horta pela água de rega.

<sup>46</sup> Na área em estudo este é o tipo de rega mais comum. E será definido em lugar mais oportuno (página 43 deste trabalho).

<sup>47</sup> Enquanto lugar de permanência continuada de água, o pulsar da vida nas hortas manifesta-se ainda com o crescimento espontâneo de beldroegas bravas que nascem na época das regas da batata, do milho, do feijão, do tomate, na época estival. Apesar de bravas são comestíveis e é preciso rega-las. Cozinham-se com grãos-de-bico, faz-se sopa e *sopas de batatas*. Também algumas sementes de alface, coentros, salsa...arrastadas pelo vento, podem singrar ocasionalmente em qualquer parte da horta.



se sobretudo de um cultivo de sequeiro semeado preferencialmente no *barrocal*, e na *horta* dispensa normalmente a água de rega<sup>48</sup>. Por seu turno, o mês de Outubro é apontado como o termo da horta por coincidir com a altura em que as *regas de rojo* cessam com a chegada das primeiras chuvas, e quando se têm apanhados a (quase) totalidade dos seus produtos. Além disso, pelo S. Miguel<sup>49</sup> dia 29 de Setembro era a altura do ano em que antigamente se pagava a renda das hortas, quer se continuasse nelas ou não, entregando-as limpas ao dono.

Porém, à semelhança dos cultivos de sequeiro, na horta também se aproveita a *rega da chuva*, isto é tanto mais verdade quanto mais temporã for a sementeira. Não admira por isso uma certa preferência dos agricultores pelas sementeiras de Março<sup>50</sup>, consideradas *mais certas*. Além de beneficiarem da *rega da chuva*, livram-se do calor excessivo que por exemplo no caso das batatas redondas provoca a *traça*, e correm menos riscos no que respeita a eventuais faltas de água de *rega de rojo* no caso de se secarem poços, noras... Aliás, para anos secos diminuem-se as sementeiras serôdias. Assim, é a frequência das chuvas durante o ano agrícola que determina o início e o fim do período intensivo das *regas* pelo agricultor, e coincide com os meses quentes de Verão. Deste modo, na horta, *regas de rojo* e *regas da chuva* complementam-se em algumas ocasiões. Por exemplo, se chover na altura em que os cultivos beneficiam, é possível aproveitar-se a *rega da chuva*, poupando-se assim tempo, trabalho e dinheiro; se pelo contrário, na altura da sementeira a terra estiver muito seca, mesmo no mês de Março se efectua *regas de rojo*.

O mês de Março é no entanto do ponto de vista meteorológico muito irregular, pela manhã pode chover e à tarde levantar o tempo. O adágio “*Março marçagão, de manhã focinho de cão, ao meio-dia sol de Verão e à tarde um bom barrigão*”<sup>51</sup> tão conhecido entre as gentes, significa isso mesmo. Assim, no dizer dos agricultores “*a gente quando pode é semeá-las*”, ou seja, assim que o tempo e a disponibilidade do agricultor o permitirem há que semear. É que quando muita, a água da chuva começa por parar temporariamente todos os serviços nas hortas; se persistir pode provocar atrasos nas sementeiras estendendo-as para

---

<sup>48</sup> Segundo referia uma informante ex-residente no Almarginho, antigamente “*quem queria fazer uma horta mais cedo, não podia semear favas na horta*”, pois se as sementeiras de sequeiro ocupassem muito a horta, só em Junho/Julho se semeavam os milhos e depois dentro destes de Junho a Agosto (na altura de lhes tirar a *bandeira*) o feijão e as batatas.

<sup>49</sup> A partir desta data era permitido proceder ao “*rabisco*” do figo. No entanto, o “*rabisco*” era prática comum após a apanha de quaisquer frutos ou cultivo em cada época.

<sup>50</sup> No entanto, a chuva nem sempre beneficia a horta: antes de Março faz muito frio para a maioria das sementeiras e pode cair geada; nas terras baixas quando chove muito alagam, conseqüentemente quando seca a terra *entaipa* ou *encoída* dificultando o brotar das sementes à superfície da terra. Se chover muito de repente pode rasgar a terra sem a penetrar. Em alguns meses do ano a chuva chega a ser prejudicial: “*Chuva pelo S. João tira a uva e não dá pão*”. A situação ideal é chover “*depois da sementeiras estar nascida...*”.

<sup>51</sup> Versão mais completa registada em Diário de Campo.

meses indesejáveis, dado que alagados os terrenos a terra fica mole e “*não dá entrada*” às alfaias agrícolas. Eis a importância do sentido de oportunidade<sup>52</sup> de cada agricultor para cultivar no momento certo.

O problema é que há sempre algo que pode escapar ao controlo do agricultor. Em anos de muita chuva as sementeiras temporãs podem apodrecer mesmo antes de brotarem à superfície da terra (principalmente nas terras baixas), nestes casos semear muito cedo pode ser um risco, sendo necessário tornar a lançar a semente à terra.

Desta forma, dada a incerteza sempre presente, o melhor é não acautelar demasiado determinado cultivo que possa prejudicar outros. Por exemplo: estávamos a 12 Março 2007 e não chovia, as favas semeadas na horta do Almarge por Sebastião e Filomena necessitavam já de ser regadas, mas como as batatas estavam por semear e o casal não queria correr o risco de deixar atrasar esta sementeira para o mês de Abril caso chovesse em breve impossibilitando o trabalho na terra, optou-se pela sementeira de batatas, numa correria contra o tempo. Por vezes para não se perderem as sementes<sup>53</sup>, também se apressam as sementeiras em alguns dias ou mesmo semanas, como se costuma dizer “*pois não dão muito, dão pouco*”, o melhor é jogar pelo seguro.

Na horta, o milho continua a ser a sementeira mais trabalhosa, além das exigências em água de rega em abundância é preciso *arrenda-lo, amoitaa-lo*, tirar a *folha de baixo*, tirar a *bandeira*, tirar a *folhada*, (...). Verificou-se no entanto a sua perda de importância (a partir das últimas décadas do século XX) a favor da batata redonda, devido à substituição dos animais de trabalho (burros e mulas) que do primeiro se alimentavam, pelas alfaias motorizadas (tractores, moto-cultivadoras) que funcionam a combustível. Apesar das inovações, coexistem lado a lado tecnologia moderna e arcaica comportando cada uma, vantagens relativamente à outra, e sempre que se justifica o agricultor faz uso da sua criatividade, improvisando com o que encontra à mão. A substituição do burro e respectiva charrua pelo tractor e a moto-cultivadora acabou com a preocupação constante dos agricultores em os alimentar; permitiu o fim dos sucessivos ataques do burro à horta e suas distrações aquando das lavras demorando a tarefa. Em contra partida, quem ainda possui um burro, consegue lavrar à charrua mesmo com a ‘*terra mole*’ devido ao seu peso relativo, assim

---

<sup>52</sup> Ao qual se refere também Cristiana Bastos (1993) para o Nordeste Algarvio.

<sup>53</sup> A semente que se lança à terra ou a poda que se planta pode ser adquirida por compra (esta última considerada como tendo mais força) ou provir da sementeira anterior que o agricultor guardou de um ano para o outro. Algumas sementes chegam a perdurar durante décadas a fio, sem que o agricultor necessite de adquirir novas sementes a cada ciclo da horta que se inicia. Quando a renovação da semente para o ano seguinte ficou comprometida pelo mau ano agrícola e o agricultor deixa de ter semente própria, diz-se que “*perdeu o inço*” a determinado cultivo (feijão, batatas...).

como pode lavrar as encostas do *barrocal* no sentido das curvas de nível. Além disso, ao contrário dos tractores, os burros produzem estrume, sendo este um dos principais motivos porque algumas pessoas não se desfizeram deles. Por outro lado, um idoso que tem um burro para o auxiliar na horta goza também de maior autonomia uma vez que não sabendo conduzir um tractor pode lavrar a terra sem ter de pedir a alguém que o faça.

Outros serviços a realizar na horta para além das sementeiras, regas e colheitas, são a poda de árvores<sup>54</sup>, a lavra, a cava, a monda, *armar*<sup>55</sup> feijão e *tomateiras*...cada qual com os seus preceitos e épocas. No Verão, a partir de meados do mês de Agosto, os agricultores repartem o seu tempo entre as regas na horta e o *varejo* da amêndoa e da alfarroba. A vindima faz-se em Setembro coincidindo com a *descamisa* do milho. (...)

### 3.2.2. A lavra

Apesar de actualmente por motivos ambientais de conservação do solo ser promovida a sementeira directa, segundo a tradição a terra para ser semeada deve antes ser lavrada<sup>56</sup>. E para se poder lavrar, a terra deve estar branda. Assim, as épocas localmente mais indicadas para este serviço são Outubro, Novembro e Dezembro no *barrocal* para as sementeiras de sequeiro (fava, *greséu*, trigo, cevada). Na *horta* decorre na época das respectivas sementeiras, embora algumas pessoas aproveitem para lavrar assim que a terra se encontra em boas condições. Nas terras baixas, em terrenos desocupados, pode-se ainda lavrar em Julho e Agosto graças à humidade que estes terrenos (aqui mais profundos) conseguem reter; nesta altura a lavra destina-se sobretudo a matar a erva, e a revolver a terra que assim fica a torrar ao sol, uma espécie de *Alqueive*. Como justificava um informante é uma lavra que se faz para que “a terra virgem apanhe sol”. Todavia, no Barrocal, o *Alqueive* (lavra sem sementeira destinada a aumentar a produtividade do terreno) é unicamente obrigatório no caso da sementeira de grãos-de-bico, neste caso, faz-se em Janeiro<sup>57</sup> para se semear em Março. Nas

---

<sup>54</sup> As árvores de fruto podam-se assim que deixam de ter fruto, em Março não se deve podar pois “quem poda em Março leva tudo no regaço”.

<sup>55</sup> O feijão deve ser devidamente armado (com canas...) 15 dias depois de ser semeado e as *tomateiras* um mês.

<sup>56</sup> Nesta área do Barrocal, na ausência de charrua ou tractor para lavrar a terra, esta pode cavar-se ou semear-se ao *covate* (cova aberta na terra onde se coloca a semente e o estrume) com a enxada. Estas sementeiras são no entanto, muito mais demoradas e trabalhosas.

<sup>57</sup> “*Alqueive de Janeiro é estrumada de carneiro*”, dizia um idoso.

hortas habitualmente cultivadas, os terrenos repousam apenas nos meses de poucas ou nenhuma sementeiras que correspondem a Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro<sup>58</sup>.

Em anos muito secos algumas pessoas *regam a terra*<sup>59</sup> por alagamento de modo a facilitar a tarefa de penetrar com os ganchos do tractor ou mais raramente com a charrua, a terra compacta ressequida pelo sol. Pelo contrário, quando chove muito *a terra não dá entrada* às alfaias agrícolas, encontra-se *mole e pesada para lavrar*, sendo necessário dar-lhe um *tempo de enxuga*. Neste último caso, por vezes, para se evitarem atrasos nas sementeiras, e não deixar passar a época mais indicada para determinado cultivo, há quem semeie ao *covato* recorrendo para tal à *enxada de ganchos* por ser a mais indicada para trabalhar na terra mole. No entanto, como no Barrocal existem diferenças entre os terrenos, pode acontecer em terrenos muito próximos um *dar entrada* e o outro não, sendo que os terrenos que se localizam em patamares inferiores, em baixas, retém mais água demorando por isso mais tempo a enxugar. Além disso, como refere uma informante “*não chove o mesmo em toda a parte*”.

Os agricultores explicam que se a terra não for lavrada as raízes dos cultivos têm dificuldade em romper a terra dura. Por outro lado, “*a terra tem de ser remexida para a água penetrar melhor nas raízes*” aquando das *regas da chuva*; e para se *regar de rojo* preparando-se o terreno em *leiras* ou *rêgos*. A lavra elimina ainda a erva e limpa o terreno de algumas pedras que existam. Acontece com frequência a erva que o tractor acolhe ficar a um canto da horta à espera de secar para se queimar, ou fica a apodrecer para estrume.

Para evitar desníveis de terreno que na horta sempre dificultam a *rega de rojo* (ora fazendo recuar<sup>60</sup> a água ou escorrer muito rapidamente), um ano lava-se para um lado, no ano seguinte lava-se para outro, passando-se de seguida com a *freza*<sup>61</sup> para alisar os terrenos.

Porém, nem só com o objectivo de semear ou de beneficiar a terra para futuras sementeiras se lavram as terras, a lavra reveste-se ainda de uma importante função simbólica. A terra seja horta ou não, constitui-se como um prolongamento da casa: uma informante referia que “*a terra lavrada é como uma casa limpa*”. Quando se quer mostrar que uma terra não está abandonada, que tem um dono, lava-se sem outro propósito, embora se justifique o

---

<sup>58</sup>Normalmente uma mesma sementeira não se faz no mesmo terreno de uns anos para os outros, quer se trate de cultivos de sequeiro como de regadio. No *barrocal* seguia-se a seguinte rotações de cultivos: 1.º ano – trigo; 2.º ano – fava ou grão; 3.º ano – trigo; e assim sucessivamente, seguindo a lógica de *ano sim, ano não*.

<sup>59</sup> A rega do terreno antes da lavra têm ainda como função fazer crescer a erva para depois ser eliminada.

<sup>60</sup> A água “*amarrua*” quando não tem força suficiente para seguir em frente, sendo necessário “*fazer caminho*” com a *enxada* para a água passar.

<sup>61</sup> Antigamente para o mesmo efeito utilizava-se a *grade* para *gradear a terra*.

acto com os benefícios da lavra para as árvores; um informante referia que “...abandonar não é só quem não semeia, é ter aqui uma terra e nunca mais lhe olha, não manda lavrar, não manda nada. Isso é que é abandonar...”. Assim, não raro, quando se passa junto a um terreno recentemente lavrado com ou sem arvoredo, comenta-se o benefício da lavra elogiando-se o brio do seu proprietário.

### 3.2.3. A rega: um jogo complexo de controlo da água

Depois da lavra e respectivo nivelamento do terreno, este último nem sempre fácil de conseguir, prepara-se a terra para receber a semente. É nesta fase que o agricultor escolhe o modo que lhe parece mais adequado para *regar de rojo* os cultivos quando for necessário. Por *rega de rojo*, em oposição à rega pela chuva ou outros sistemas artificiais como aspersão ou gota a gota, entendem os agricultores toda a rega independentemente da sua proveniência já que toda ela roja até aos cultivos para os regar. Isto é, mesmo quando a *água é tirada*<sup>62</sup> de *poços ou noras* toda a rega (à excepção dos casos atrás enunciados) é *rega de rojo* porque a *água vai arrojando pela terra*, e para ela se efectuar é necessário preparar a sementeira em *leiras*<sup>63</sup> ou em *rêgos* por onde a água circulará até aos cultivos.

Geralmente a escolha entre umas e outros (entre *leiras* e *regos*), é feita em função das necessidades de água específicas a cada tipo de cultivo, da época do ano em que ocorrem as regas e respectivas reservas de água disponíveis na horta, tentando evitar sempre que possível o desperdício de tempo e de trabalho. Porém, tomada em grupo no local, esta decisão nem sempre é pacífica e óbvia, variando as opiniões consoante a experiência de vida de cada um dos elementos envolvidos (marido e esposa<sup>64</sup>, pais e filhos, avós e netos...): a discussão gira usualmente em torno da poupança de tempo ou do máximo aproveitamento da água de rega; entre a adopção ou não de novas maneiras de fazer. Como argumento, uns e outros, mencionam as boas ou más práticas tiradas de anos anteriores, ou os bons ou maus procedimentos dos vizinhos.

---

<sup>62</sup> Em «Águas tiradas e águas de rojo – Autonomia e cooperação nas hortas do Alto Barrocal» (1989), do Antropólogo Pedro Prista o que se classifica é a natureza da água de rega, isto é a sua proveniência; no presente trabalho a classificação recai sobre o tipo de rega, ou seja como a água rega o cultivo. Referindo-se a situações diferentes, ambas as classificações são válidas para a área em estudo.

<sup>63</sup> Sistema já estudado por outros autores no séc.XX, sobretudo por Estanco Louro (1929), Carminda Cavaco (1960) e Pedro Prista (1993).

<sup>64</sup> Par mais usual.

### A organização da rega em *leiras*

A organização da rega em *leiras*<sup>65</sup> exige em primeiro lugar que se divida determinada parcela de terra no sentido do seu comprimento em vários *canteiros*. Um *canteiro* é uma faixa de terra que geralmente mede cerca de 3 metros de largura aproximadamente, vezes a totalidade ou a quase totalidade do comprimento do terreno em questão; podendo o número de canteiros variar entre um, e vários canteiros consoante o tamanho total da parcela<sup>66</sup>, acertando-se o tamanho dos canteiros com a ajuda de uma *baracinha* ou de uma cana. Por sua vez, cada *canteiro* é subdividido em pequenos retalhos de terra quadrangulares a que se chama *leiras* (cujo tamanho pode variar entre 1 passo x 1 passo e 3 passos x 3 passos – entre 6 a 15 *golpes*<sup>67</sup> respectivamente), separados por *travessas* que são pequenas elevações de terra dispostas na diagonal do terreno e que servem para sustentar a água dentro da *leira*. É em cada um destes retalhos quadrangulares de terra que se dispõem geometricamente as sementes dos mais variados cultivos<sup>68</sup>. Assim, dois *canteiros* correspondem a duas filas de *leiras* paralelas entre si, separadas por uma *arregueira* onde circula a água de rega e a partir da qual se alimentam as diversas *leiras*. Se cada *arregueira* rega dois *canteiros* no máximo, para regar quatro serão necessárias duas *arregueiras*.

Enquanto passagem permanente de água, os *combros* da regueira devem ser mais robustos que os restantes *combros* (i.e. os *combros machos* ou *de partilha* e os *combros das leiras*) de modo a evitar-se o alagamento dos cultivos pelo seu desastroso e inesperado rebentamento. A passagem da água de rega da regueira para o interior das *leiras* é permitida pela abertura de uma *comporta* (em terra solta) que o regante abre e fecha com a enxada no acto da rega. Cada *comporta* situa-se na extremidade inferior de cada uma das *leiras* fazendo ao mesmo tempo parte dela e do *combro da regueira*. De modo a facilitar a rega, em *leiras* paralelas não se abrem *comportas* na mesma direcção, para tal as *travessas* devem ficar desencontradas, ou seja em *leiras* colaterais os *covates* ou *rêgos* onde se depositam as sementes devem ficar desencontrados, assim o espaço onde se abre a comporta em cada *leira* encontra-se vazio de cultivos<sup>69</sup>, evitando assim que sejam arrastados pela enxada no acto da rega.

<sup>65</sup> Ver Figuras 3 e 4, Anexo A.

<sup>66</sup> Nas zonas mais antigas de regadio do Barrocal, o mais comum é possuir-se entre dois a quadro *canteiros*.

<sup>67</sup> O mesmo que *covates*.

<sup>68</sup> Excluindo as favas, os greséus e os grãos.

<sup>69</sup> Ver Figura 4, Anexo A.

## A organização da rega aos *rêgos*

Para regar determinado cultivo ao *rêgo* é necessário tê-lo primeiro semeado também ao *rêgo*, ou seja, há que dispor as sementes ou as podas enfileiradas espaçadamente (cerca de um palmo) ao longo de uma espécie de valas estreitas e pouco profundas abertas com os ganchos do tractor, à charrua ou com uma enxada, na diagonal ou no sentido do cumprimento do terreno. Após depositadas as sementes, o estrume, o adubo, e tapados os diferentes *rêgos* paralelos entre si, sobre os quais se formam elevações de terra a que os agricultores chamam de *combros* ou *camalhões*, a água de rega passa entre eles, ou seja, nas concavidades a que se chama de *arregueiras*. Seguidos os *combros* uns dos outros intercalando com *arregueiras*, dão à horta um aspecto ondulado. O percurso da água de rega faz-se aqui em linha recta, sendo rápida a sua circulação entre os cultivos. A organização da rega aos *rêgos* é actualmente muito frequente em resultado de uma maior disponibilidade de água de rega proporcionada pela proliferação de furos de captação de água subterrânea.

No entanto, um *terreno que está de lavadeira*, ou seja que tem inclinação, mesmo que pouco acentuada, é um terreno que sustém com dificuldade a água de rega junto das sementeiras, escorrendo esta rapidamente em alguns lugares, para ficar retida em outros onde os cultivos ficam melhor regados e conseqüentemente mais viçosos, enquanto os restantes podem apresentar um aspecto sequioso. Esta situação é tanto mais preocupante quanto menos água de rega existir disponível na horta. Assim, a organização da rega em *leiras* sobretudo em *leiras* pequenas (que enchem de água com maior facilidade) é nestes casos o mais indicado. Em vez de ser em linha recta, como no caso dos *rêgos*, o percurso da água nas *leiras* faz-se de modo quase labiríntico, demorando por isso mais tempo a percorrer todo o terreno semeado, e circulando mais devagar, contornando obstáculos, a água permanece mais tempo junto dos cultivos que assim ficam melhor regados, conseguindo-se mais facilmente distribuir uniformemente a água pela totalidade da sementeira.

Desta forma, o sistema de rega em *leiras* é o mais minucioso em benefício do máximo aproveitamento da água disponível, de uma maior eficácia da rega controlando-se melhor a água, mas também de um melhor aproveitamento do terreno para cultivo<sup>70</sup>, sendo por isso o mais exigente em perícia e em mão-de-obra. Como parte da minúcia deste sistema de rega, existem vários tipos de *leira* que o agricultor utiliza consoante a altura do ano em que ocorre a

---

<sup>70</sup> Semeia-se mais cultivos em menos terra. Aproveitam-se ainda os *combros machos*, os *combros das leiras* e mais raramente os *combros das regueiras* para semear. Neste último caso pode estorvar a limpeza das ervas das *regueiras*. O sistema de rega em *leiras* permite ainda executar qualquer serviço sem haver necessidade de pisar a horta do vizinho confrontante.

sementeira e as disponibilidades de água na horta, as características do terreno e as alfaias agrícolas utilizadas. Assim, as *leiras* podem ser de *montijos*, com *rêgos*, *vais-e-vens* ou *rasas*<sup>71</sup>, conquanto que na altura da sementeira a escolha se faça apenas por um dos tipos. No entanto, ao longo de um mesmo *canteiro*, de modo a aumentar a eficácia da rega, sobretudo em situações de minguagem de água, podem conjugam-se leiras maiores com leiras mais pequenas, estas últimas posicionadas no fim do terreno onde a água tem maior dificuldade em encher a superfície da leira.

*Leiras* aos *montijos* são o resultado de uma sementeira feita ao *covate* com uma enxada abrindo-se e semeando-se primeiros debaixo dos *combros machos*, dos *combros das leiras* e das *arregueiras*; após estruturadas assim as *leiras*, abrem-se os *covates* na quadrícula da *leira*. Actualmente os *montijos* são meros indicadores da localização das sementes com o objectivo de as poder cavar e regar sem as arrastar dos seus lugares, aliás, com a mesma função fazem-se *combros*. Semeadas ao *covate*, ou seja em pequenas covas pouco profundas, as sementeiras ficam mais sujeitas a roubos e para se apanharem tem que ser à enxada. Deste modo, semeia-se ao *rêgo* abertos pelo tractor, e depois fazem-se as *leiras*, sendo este actualmente o modo mais comum de as fazer.

Quando a inclinação do terreno é muita ou há pouca água, devem-se fazer *leiras* pequenas com *vais-e-vens*, que são as que melhor sustentam a água junto dos cultivos. Quando o terreno é plano as *leiras* podem ser maiores, ao abrirem-se menos comportas adianta-se na rega.

## Da rega

Depois do terreno devidamente organizado, a rega propriamente dita é uma tarefa que exige força, agilidade e rapidez, comportando ao mesmo tempo momentos de espera (mas sempre sem vergar muito o corpo). Agilidade, força e rapidez são necessárias para fechar as comportas no momento certo, impedindo que os cultivos alaguem ou as *leiras* rompam. De espera porque é necessário esperar que a água percorra a *leira* ou o *rêgo* e suba até aos cultivos para se desviar a água para a *leira* ou ao *rêgo* seguinte. E enquanto se espera descansa-se sobre o cabo da enxada. Daí que este fosse o serviço preferido de quem andava a trabalhar para fora, chegando mesmo a ser considerado o mais leve da horta, bem evidente na expressão “*até as mulheres regam*”.

---

<sup>71</sup> Ver Figura 4, Anexo A.



Para evitar que se rompam os *camalhões* das *leiras* e dos *rêgos* é imperioso controlar o caudal da água à entrada da *leira* ou do *rêgo*, de modo a que não entre com muita pressão. O excesso de água pode provocar o arrastamento de sementes ou partir as plantas, sobretudo no caso das *leiras*. Assim, a água de rega que entra pelas *arregueiras* não deve ser superior a uma *torna de água* média. Sendo que esta última, enquanto porção de água suficiente para se regar uma *leira* ou um *rêgo* de cada vez, pode variar em função do tamanho da horta e da estrutura das *leiras* ou *rêgos* (mais, ou menos resistentes).

Os primeiros dias de rega são os mais trabalhosos. O motor de tirar água necessita normalmente de algum tipo de manutenção, embora actualmente as preocupações sejam menores por se tratar de bombas eléctricas. As regueiras em terra batida absorvem mais água e empapuçam com facilidade, sendo necessário o/a agricultor(a) ir calcando com a enxada a terra da regueira à passagem da água. No que respeita ao sistema de *leiras*, a rega faz-se nesta primeira fase num único sentido, de cima para baixo (a parte de cima de um terreno corresponde ao lado de onde provém a água), ou seja, abrem-se todas as comportas e vai-se regando as *leiras* paralelamente até ao final do terreno. A partir da segunda rega, já os *combros das leiras e da arregueira* estão compactados pela água, então pode-se levar a água para baixo pelas *leiras* da direita, e trazer-se para cima pelas *leiras* da esquerda ou vice-versa, num circuito em que a água percorre os cultivos regressando ao ponto de partida<sup>72</sup>; nas regas seguintes conforme se deixam as comportas abertas assim se processa o sentido da rega.

Para melhor controlar a circulação da água entre os cultivos, sobretudo quando o terreno tem uma inclinação acentuada, fazem-se reforços constantes nas *regas de rojo* recorrendo para tal a “*tancadas*”, que são pequenas obstruções temporárias feitas com terra, ervas, a enxada, ou os próprios pés do agricultor calcando botas de borracha, de modo a fazer subir a água na *leira*, tentando manter a água por mais tempo junto dos cultivos. Por vezes, quando a rega já vai longa, as mãos secam e incham do contacto com a madeira do cabo da enxada, para as aliviar humedecem-se com a própria saliva ou mergulha-se o cabo da enxada na regueira com água e prossegue-se a rega.

Embora por vezes haja que saltitar de *combro* em *combro* durante as regas, este sistema facilita, ao contrário do sistema em *rêgos*, a circulação do agricultor pelo meio da horta quer durante a rega como nas alturas de cavar a erva. Ajeitar os *combros* das regueiras e das *leiras*, limpar as ervas que aí sempre crescem, são tarefas constantes a cada rega que se efectua na horta. A expressão “*a horta exige aprumo*”, proferida por diversos agricultores ao longo do

---

<sup>72</sup> Ver Figuras 3 e 4, Anexo A.

trabalho de campo, além da importância estética que lhe está inerente, não deixar crescer ervas na horta, leiras bem feitas, adianta na rega e gasta-se menos água. Portanto, a estética da horta está estritamente relacionada com a poupança de água de rega. Como referia uma informante, “*Quem sabe regar, rega com metade da água*”.

O número de regas semanal é superior nas terras altas onde o terreno é mais quente e seco. Deste modo, nos terrenos de aluvião no fundo dos vales, efectuam-se de 5 em 5 dias, enquanto que no primeiro caso se efectuam de 8 em 8 dias; sempre na certeza de que quanto mais calor mais frequente deve ser a rega em ambos os casos. Em anos de seca, as regas quase diárias são alternadas de momentos de espera que as águas (dos poços, noras, furos,...) subam, chegando-se a regar apenas uma *leira* de cada vez. A frequência do número de regas depende ainda do tipo de cultivo, do seu estado de maturação e da manutenção que se lhe pretenda fazer. Por exemplo, as batatas redondas e o feijão são os cultivos da horta que devem ser regados com maior abundância de água; no caso do milho, depois de se lhe tirada a bandeira são necessárias apenas uma a duas regas no máximo. No que respeita à última situação, depois dos alhos cavados e adubados deve-se regar para que o adubo fique bem dissolvido pela água e não os queime; quando se cavam as batatas para eliminar a erva não se deve regar logo de seguida para que a erva seque e demore mais tempo a crescer.

Quanto à melhor altura do dia para regar, a preferência vai para o final da tarde. Além do regante se livrar do calor no acto da rega, mesmo que a água disponível na horta seja pouca, a terra mantém-se fresca por mais tempo uma vez que se segue a frescura da noite; regados os cultivos na parte da manhã, apesar de haver mais água regando-se mais rápido, pelo início da tarde a terra já se encontra seca e os cultivos estiolam ao sol. No que se refere à rega do milho, a sombra da sua folhagem permite regar nas alturas de maior calor fazendo sombra sobre o regante. Por outro lado, há também quem considere que a melhor altura do dia para regar depende da época do ano em questão, no Inverno a rega deve fazer-se na parte da manhã porque “*sol e água é criador*”.

A pequena dimensão das hortas do Barrocal associadas à cultura promíscua<sup>73</sup> permite uma gestão eficiente da água de rega. Ao mesmo tempo que se maximiza o aproveitamento do espaço da horta, poupa-se em água de rega e tempo dispendido, regando-se ao mesmo tempo vários cultivos que partilham um espaço comum. Actualmente, além de no geral cada agricultor semear menos, dispõe de maior porção de terra para hortar, tornando essa

---

<sup>73</sup> Semeava-se o milho dentro das batatas, uma vez apanhadas as batatas e desmanchados os *combros*, *amontoava-se* a terra no pé do milho e deslocavam-se ligeiramente as *leiras* de modo a que o espaço ficasse livre entre os pés de milho onde se semearia o feijão e as couves (depois tirava-se a folhada para dar sol às couves).

promiscuidade menos visível. No entanto, uma horta bonita é também para estas gentes “*uma horta composta de tudo*”. O que se semeia em quantidades muito pequenas (couves verdes, abóboras, morangos...) dispõe-se aos cantos das hortas e rega-se com o regador.

Para quem possui horta, a preocupação com as regas é uma constante sobretudo em anos de escassez de água resultante de Invernos secos. Porém, no dia de S. Pedro (29 de Junho) segundo testemunharam muitos habitantes do Barrocal em estudo, deve evita-se a todo o custo ir à horta regar. Não se deve ainda mexer em palhas, nem costurar, sob pena da casa e da horta serem invadidos por ratos. A este propósito, uma informante relatou que certo ano após o seu marido ter regado a horta no dia de S. Pedro, a sua casa localizada a 3km de distância havia sido invadida por ratos. Foi também sugerido, em resposta ao nosso espanto, o dia de S. Pedro como um dia de descanso do trabalho nas hortas, “*uma desculpa para descansar*”. O dia de Entrudo é também indicado como um dia interdito de rega pelos mesmos motivos.

### **A cultura da batata**

Entre os cultivos que se fazem nestas hortas do Barrocal, a sementeira da batata está actualmente entre as mais comuns<sup>74</sup>, e frequentes, ultrapassando em quantidade produzida a sementeira do milho. Ao longo do ano agrícola, são várias as sementeiras que aí se fazem deste tubérculo: a *batata redonda* semeia-se em duas épocas, a primeira sementeira ocorre de Fevereiro a Março, considerada a *Quarta-Feira de Cinzas* a altura da melhor sementeira, e a segunda sementeira realiza-se em Agosto em pleno Verão; a *batata-doce*<sup>75</sup> semeia-se no mês de Maio e em Junho. Tendo em vista a época do ano em que são semeadas e as espécies cultivadas, cada uma destas sementeiras comporta especificidades no que respeita à rega.

Segundo testemunham os agricultores, a *Batata redonda* (de várias espécies), sobretudo a serôdia, é um dos cultivos mais exigentes em água, o que a torna numa das suas grandes preocupações (se não a maior) na época das regas intensivas. Quando semeada em

---

<sup>74</sup> Às quais se acrescentam as *batatas de sequeiro* semeadas no *barrocal* (no final de cada ano) debaixo da copa das árvores, sobretudo das alfarrobeiras, que as protegem da geada. Nas terras baixas, as batatas de sequeiro só se semeiam em Janeiro por causa da geada. Assim, se armazenadas em lugar próprio, é possível dispor de batatas para consumo durante todo o ano. Depois da apanha das batatas, que são sempre várias *arrobas*, o agricultor preocupa-se com o seu armazenamento e conservação: ao pesticida junta a erva ‘*funcho*’ para assim duplicar o efeito protector contra a traça. As batatas devem ainda ser guardadas numa casa com telhado de cana.

<sup>75</sup> Ao contrário das *batatas redondas*, as *batatas-doces* são semeadas ao *rêgo* ou em *vais-e-vens* porque a rama tem que ficar levantada. Regam-se assim que se plantam; e por outro lado, necessitam de outro tipo de rega. Isto é, nas semanas seguintes à sua sementeira dá-se-lhes seca. As batatas-doces também não necessitam de muita rega pois podem perder o sabor (*criar rosa*).

Fevereiro/Março a batata beneficia da *rega da chuva* e livra-se do calor de Verão que quando muito e na falta de água fazem-na correr o risco de criar *traça* (como já foi referido). Em Agosto, sem aquelas vantagens, a gestão da água de rega carece de uma melhor organização, semeando-se as batatas por vezes à *leira rasa*<sup>76</sup>. Na *leira rasa* as sementes de batatas são tapadas com uma fina camada de terra, o que lhes permite ficar em contacto máximo com a água mesmo quando pouca; havendo todavia que ter mais cuidado quanto aos desníveis no terreno.

Porém, apesar do calculismo do agricultor (mais uma vez) o risco está sempre presente. No caso das batatas serôdias em particular, a altura de as apanhar (Outubro/Novembro) coincide com o início da época das chuvas. Assim quando começa a chover consideravelmente convém que a sementeira já esteja apanhada sob pena de algumas batatas começarem a apodrecer na terra. No entanto, por vezes, acontece chover mais cedo do que o previsto ou seja antes da apanha das batatas, atrasando a colheita que assim fica suspensa na esperança que o tempo levante<sup>77</sup>. O problema é quando as chuvas persistem durante semanas consecutivas encharcando os terrenos que assim ficam pesados e muito difíceis (quase impossíveis) de trabalhar com as alfaías agrícolas sejam elas grandes ou pequenas. Situação semelhante aconteceu à família do Zé da Funcheira, na freguesia de Salir, em finais de Outubro de 2006:

Após 15 dias consecutivos de forte chuvada, assim que parou de chover, esposa, marido e sogro rumaram até à horta onde atascados em lama tentavam a muito custo retirar da terra as batatas todas enlameadas, umas à *enxada* e ao *sacho*, outras à mão (algumas delas já podres). Zé socorreu-se com frequência da *raspadoira*, uma chapinha em metal que trazia atada ao cinto das calças e com a qual raspava a terra molhada que se grudava à *enxada* de cada vez que a lançava à terra em busca de batatas. A mulher, Maria Teresa, queixou-se que semeadas à *leira rasa* as batatas alagaram mais ficando a terra *apasuada* (i.e. comprimida), além disso o batatal havia sido regado poucos dias antes da chuva. Inversamente, no ano anterior, a mesma família, apanhou as batatas mais cedo com receio da chuva e depois acabou por não chover. A mulher desabafa: “*a gente não sabe quando é que chove, quando é que não chove, se chove muito, se chove pouco*”.

Na realidade, a *rega de rojo* ajuda a planta a brotar da terra, a crescer e a amadurecer; no entanto, se mal conjugada com a *rega da chuva* pode, como se viu, prejudicar os cultivos.

---

<sup>76</sup> Ver Figura 4, Anexo A.

<sup>77</sup> Pela altura da apanha das batatas não convém ir muito cedo por causa do orvalho que deixa a terra muito húmida dificultando o serviço.

Deste modo, a gestão do número de *regas de rojo* pelos agricultores, sobretudo nas alturas de maior instabilidade climatérica, afigura-se de grande importância. Como o faz então o agricultor? No caso das *batatas redondas*, o agricultor sabe de antemão que o seu tempo de maturação é cerca de 2,5/ 3 meses dependendo do estado de desenvolvimento das sementes na altura da sementeira. Por outro lado, nas visitas frequentes que faz à horta o agricultor apercebe-se do grau de humidade existente no terreno com base na qual gere as *regas de rojo*. Esta percepção é efectuada através do aspecto do terreno, quando a terra está seca começa a rachar; do toque e do olfacto detectando a sua humidade. No fundo, a cada rega o agricultor(a) sente o pulsar da vida vegetal, permitindo-lhe calcular as necessidades de água do cultivo e assim programar as próximas regas. No caso dos cultivos de Março, se não chover dentro de 8 a 15 dias a partir da data da sementeira, o agricultor deve rega-la de *rojo*. Trata-se de um jogo constante de equilíbrios em que o factor *sorte* (o acaso) desempenha um papel relevante.

#### 3.2.4. A mulher e a rega

O trabalho na horta é normalmente partilhado pelos diversos elementos da família (mais por uns que por outros), havendo no entanto tarefas consideradas mais indicadas para cada um dos seus membros que variam em função da idade e do sexo. Lavrar, cavar, *enleirar* a horta, são tarefas puramente masculinas. Depositar a semente na terra, fazer a sachá, a monda, regar e apanhar o fruto são as tarefas consideradas mais leves e por vezes efectuadas inteiramente pela mulher enquanto o homem executa um trabalho mais pesado, utilizando ferramentas também mais pesadas<sup>78</sup>. Uma imagem comum na época das sementeiras é ver as mulheres curvadas a depositarem as sementes na terra enquanto os maridos seguem atrás com a enxada tapando os *covates* depois de aplicado o estrume e o amónio (por eles normalmente). O papel actual da mulher na horta é sobretudo o de auxiliar do marido.

Na altura de recolher os produtos, são normalmente elas que o fazem, principalmente os cultivos que se vão apanhando à medida do seu consumo (feijão, tomates, pepinos...). Nestes casos a mulher tem uma maior percepção do seu estado de maturação consoante os pratos que pretenda cozinhar. No que respeita a apanha da batata ou do milho, porque realizadas de uma só vez, geralmente a família junta-se para em conjunto efectuar o serviço.

---

<sup>78</sup> Relativamente ao Sotavento Algarvio, uma das sub-regiões onde se encontra incluído o concelho de Loulé, Dan Stanislawski (1963) menciona o trabalho das mulheres nas regas das hortas (anos sessenta do séc. XX), que segundo refere é um trabalho considerado ajustado às suas capacidades.

No entanto, há mulheres que tomam as rédeas da horta. Estas são ou viúvas, ou não trabalham para fora, tendo em comum uma longa aprendizagem na agricultura, ao contrário dos maridos no caso das últimas.

O trabalho que cabe a cada membro da família tem contudo variado em função da conjuntura económica de cada época. No que respeita às crianças<sup>79</sup> e jovens, verificou-se nos últimos 30 anos a diminuição da sua participação a favor da sua crescente escolarização. Também o papel da mulher na manutenção da horta não foi sempre o mesmo, sendo em determinados períodos muito mais importante do que a de mero auxiliar do homem, sobretudo as mulheres que viviam nas proximidades das hortas<sup>80</sup>. No decurso do século XX, quando os homens estavam ausentes por motivos de trabalho, nas temporadas da ceifa, a acartar lenha para os fornos de cal, a limpar árvores, *talhar* a terra,...ou emigrados, eram as mulheres que além das lides domésticas se ocupavam integralmente da manutenção da horta, ficando a seu cargo praticamente a totalidade das regas inadiáveis. Se fosse necessário ir de noite regar eram os maridos que iam. Nas situações em que estes estavam ausentes no estrangeiro, as mulheres faziam-se acompanhar por uma vizinha, filhos ou outros familiares, contratando os serviços de um homem para lavar e *enleirar* a horta.

Apesar disso, nesta sociedade rural a tendência foi sempre no sentido da diferenciação de papéis entre homem e mulher. Cabendo a ela inteiramente os serviços domésticos (lavar roupa, cozinhar, arrumar a casa, lavar os terraços para deixar ir água para a cisterna<sup>81</sup>...) e o cuidar dos filhos; a ele tem estado reservado sobretudo o trabalho fora de casa quer seja no campo ou não<sup>82</sup>. Este posicionamento feminino (dentro) e masculino (fora) relativamente à esfera doméstica parece-nos estar presente no modo como os agricultores classificam a *arregueira* e o *camalhão macho* no conjunto do sistema de rega organizado em *leiras*. Segundo a sua explicação, o *camalhão macho* é considerado *macho* porque se posiciona do lado de fora, fica sozinho e não leva *comportas*; a *arregueira* é considerada fêmea porque se

---

<sup>79</sup> Eram trabalhos de criança nas hortas: tocar o burro na nora, verificar os alcatruzes de barro, cavar com sacho onde o arado não chegava, regar, ajudar nas colheitas e nas sementeiras. O primeiro trabalho de Leonilde aos 9 anos, residente no sítio das Várzeas, freguesia de Querença, foi a regar milho no *Morgado do Sousa Pires* (onde os seus pais já trabalhavam) durante três meses depois de ter saído da escola; no fim ganhou 300\$00 com os quais comprou um fio de ouro.

<sup>80</sup> A este propósito João Guerreiro (1993) refere que a distância das hortas à casa, dificultando assim a conciliação com o trabalho doméstico, impediram a mulher de ter um papel de maior relevo na horta.

<sup>81</sup> No lar, normalmente é a mulher quem mais se preocupa com a limpeza das cisternas e depósitos, e o cuidado em deixar ir água quando chega a altura.

<sup>82</sup> A diferenciação dos papéis feminino e masculino no que se refere ao trabalho denotam a preponderância do homem nesta sociedade. Por exemplo, limpar canas para fazer *caniços* e outros utensílios era considerado um trabalho feminino porque diziam ser o pó daí resultante prejudicial aos genitais masculinos. No entanto, um informante explicou que este era um serviço que convinha ser executado por elas porque ganhavam menos dinheiro que os homens.

situa no lado de dentro do *canteiro* e contém *comportas* de um lado e do outro. Se observarmos minuciosamente a configuração geométrica que se forma a partir de dois *canteiros* paralelos entre si separados por uma regueira ao centro, o conjunto assemelha-se-nos ao órgão sexual feminino, ocupando a *arregueira* uma posição de destaque possibilitando a entrada da água que vai fecundar a terra. Neste sentido, a água de rega apresenta similitudes com o sémen masculino<sup>83</sup>.

## Reflexão Final 2

Como foi referido, no Barrocal a existência de uma horta resulta necessariamente da união entre terra e água. Simbolicamente estes dois elementos da natureza apresentam, na área em estudo, analogias com a sexualidade humana, expressas nas classificações que as gentes (agricultores mais idosos) fazem de determinadas práticas agrícolas que lhes foram transmitidas pelos seus pais e avós, nas quais a terra aparece como elemento feminino e a água um elemento masculino. Assim, na lógica da reprodução, **a água está para a terra como o homem está para a mulher**; em última instancia, podemos deduzir a importância do papel da horta enquanto garante da reprodução e sobrevivência humana nesta sociedade.

Deste modo, as classificações do mundo agrícola pelos agricultores estão em sintonia com a organização social que integram. *Leira e covate* por exemplo, além de designarem duas situações concretas da prática agrícola tradicional, a primeira respeitante à rega e a segunda ao modo de semear, representam em outros campos da esfera social unidades de medida (de superfície e profundidade respectivamente): um ex-emigrante ao mencionar o pequeno terraço que possui no apartamento em Loulé utilizou a expressão “*é do tamanho de uma leira*”; por seu turno, uma idosa para se referir à pouca profundidade do seu furo, comparou-o a um ‘*covate de batatas*’.

No que concerne à água de rega em particular, dado o papel central que esta ocupa no mundo rural do Barrocal em questão, o seu estudo revela-se essencial para o conhecimento da organização social e do meio natural de que faz parte. Assim, o tipo de rega praticado nas hortas do Barrocal informa-nos por um lado sobre o género de agricultura e o tipo de clima

---

<sup>83</sup> A água fecundante na noite S. João (24 Junho) associada à fertilidade em geral, encontra-se presente nesta sociedade. Por exemplo, a primeira água de qualquer fonte na manhã de S. João, ou a água que passa por cima da fogueira 9 vezes nessa noite, só por si, fermenta o pão sem *lêveda*. Na noite de São João era permitido aos rapazes e raparigas um contacto mais íntimo resultando muitas vezes em namoro. Estes festejos coincidem com a altura do ano em que as hortas se encontram na sua máxima pujança, ou seja apresentam-se fartas de cultivos, uns capazes de apanhar outros em estado de desenvolvimento.

existente na região; por outro, semelhanças entre a organização da rega em leiras e a organização social entre os sexos fornecem-nos indicações preciosas sobre os lugares ocupados pelo homem e pela mulher. Também a organização social em torno de um regadio colectivo, como veremos no capítulo seguinte, muito nos ensina sobre a sociedade rural onde está inserido. Neste sentido, à semelhança do que refere Fabianne Wateau em *Conflitos e Água de Rega* (2000), baseando-se na obra de Marcel Mauss, vista nas suas várias dimensões, podemos considerar a “*rega como um facto social total*” (Wateau, 2000:32).



